

A arte e a cultura ocupam um lugar central nas vivências humanas, expressando aquilo que muitas vezes é difícil traduzir em palavras. Nos Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, acreditamos que a criatividade é uma ferramenta essencial para a promoção do bem-estar e a construção de pontes entre subjetividades.

Esta edição é um convite para mergulharmos em produções que refletem a diversidade de caminhos e de pessoas que compõem a luta pela saúde mental brasileira. Nossas páginas reúnem diferentes mídias que se entrelaçam para tecer um panorama rico e plural.

Além das linguagens, celebramos a colaboração e o encontro de vozes que dão vida a este Caderno. Psicólogas que estudam e trabalham no campo, alunas de psicologia e usuárias da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), todas unidas pelo título de artista, juntam suas expressões, transformando a criação em um ato de resistência, cuidado e ressignificação. Que este seja um espaço para sentir, pensar e, acima de tudo, construir junto a saúde mental que almejamos.



Nara Margarete França Barboza



Nara Margarete França Barboza

A crise escancara a porta

Há dias sabíamos que a rotina de Inácio não ia bem: além de seus delírios cada vez mais presentes, ele não aceitava a medicação e as agressões contra a mãe eram constantes. Depois de muito pensar, acionamos o SAMU para a casa de Inácio e fomos até lá. Fomos recebidos por sua mãe, exausta, contando sobre os últimos dias. Entrei em seu quarto com a técnica de enfermagem e Inácio não nos deu a menor atenção, estava imerso em seu celular. Falamos sobre sua ausência no CAPS, a importância da medicação e pedimos para aplicá-la naquele momento. Acho que ficamos duas horas em sua casa. O tempo era outro ali. Com a conversa evoluindo, outros profissionais entraram na cena. Inácio negava a medicação e também não queria nos acompanhar até o CAPS. *"Se eu ficar internado, vou engolir as facas, vou engolir os garfos. Vocês não podem invadir minha casa assim!"*. Inácio já é um antigo conhecido nosso, mas a relação sempre se transforma, principalmente na crise. Ele estava certo, invadimos sua casa. Nosso psiquiatra e o enfermeiro do SAMU entraram no quarto e ele ficou assustado, perguntando o porquê de tudo aquilo. Sentados na cama, vamos conversando e Inácio autoriza a aplicação, mas tem certeza que irá dormir e vamos levá-lo ao CAPS *chapado*: *"Já conheço os truques de vocês!"*. Um pouco mais de conversa, outro Haldol com Prometazina. *"Tô ficando confuso"*, ao mesmo tempo, o discurso vai se encaixando mais. Ele falava com muito sofrimento sobre a possibilidade de ficar acolhido sem a mãe. Mais um tempo, mais conversa, ele aceita a ideia de voltar conosco, mas permanece dando voltas pelo quarto. Senta na cama, não se move. Ele levanta e finalmente conseguimos acompanhá-lo até o elevador. Entramos na ambulância, a caminho do CAPS. *"Marvin, agora é só você..."*, tocava no som. E depois Mamonas Assassinas. Inácio ria, mas disse que estava triste. Dessa vez, quem escancarou a porta fomos nós. A crise nem sempre grita. Chegamos ao CAPS e, mais uma vez, dissemos a ele que caminharíamos juntos nessa travessia para a vida adulta.

Jessica Gottschalk

CAPSij III é isso!

Ser o CAPSij de referência da cidade para o acolhimento integral é estar imerso em crise: de nós e de quem precisa de nós. Em maio de 2020, auge da pandemia, recebemos uma ligação comunicando a chegada de uma adolescente vinda de outro território. Primeira tensão: Gabriel estava bem melhor, dormindo em um quarto sem divisórias, que ele mesmo derrubou. Temos estrutura? Temos equipe? Tem indicação para o acolhimento? *"Então não tem o que discutir, a gente tem que aceitar e pronto"*. Foram tantas repactuações sobre o acolhimento integral para outros CAPSij que estávamos perdidos entre combinados e sobrecarga de trabalho. Passou, Maria chegou, nos apresentamos e ela parecia à vontade conosco e com Gabriel. Segunda tensão: às 18h30, outro telefonema: uma menina e seu gato chegariam com a equipe de outro CAPSij em alguns minutos. Troca de plantão, chegada da equipe noturna. Não tivemos tempo de conversar sobre os acontecimentos e havia muita tensão entre todos. Sete da noite e já não havia espaço para negociação, a equipe do outro CAPSij estava lá, Isadora estava lá e o seu gato também. *"Se nem o serviço de saúde mental vai acolher essa menina, imagina um serviço da assistência social?"* – nos questionou uma das trabalhadoras do outro CAPS. Nos entreolhamos, *"É isso!"*. Percebemos uma movimentação mais agitada do lado de fora da sala e, enquanto encerrávamos as pactuações com a outra equipe, Maria começou a se debater, pedindo que a deixássemos morrer. A sequência já não me lembro: ficamos em pé no corredor, sentadas no pé da escada e no chão do banheiro, impedindo que Maria trancasse a porta. Ela chorava e dizia que não queria ajuda. *"Olha Maria, não estamos aqui pra ajudar, esse é nosso trabalho. Eu entendo você querer morrer, mas não vai ser agora"*. Pareciam horas aqueles momentos. Ela aceitou descer e encontramos Gabriel, Isadora e seu gato na cozinha. Respira. A equipe noturna já mais organizada, *"vamos agora antes que dê ruim!"*.

Fui embora acompanhada de uma colega, compartilhando a estranha sensação de cansaço e satisfação, o corpo inteiro pulsava.

- *Que dia!*

- *Um dia extraordinário de CAPS, mas sim, um dia de CAPS* – disse e se despediu.

Jessica Gottschalk

AGRADECIMENTOS

À NISE DA SILVEIRA

Escrevemos essa carta não só por nós, mas por todas aquelas que lutaram e tiveram suas vozes invisibilizadas, por todas aquelas taxadas de loucas por serem mulheres, não apenas esposas, mas MULHERES. Por Eunice Caldas, que alfabetizou uma sociedade, mas não pôde escrever a própria história. Por Adelina que desenhou as mais belas flores, mas teve suas raízes podadas. Por Nise da Silveira que mostrou ao mundo que nenhum medicamento catalisa tanto quanto o afeto. Pelas que lutaram e pelas que lutam, que sejamos manchetes, que tenhamos voz, que a nossa existência não seja patologizada, mas sim, respeitada. Não apertamos o botão da invalidação, apertamos o da reparação histórica com aquela que tanto lutou pela validação de corpos silenciados. Obrigada Nise por ser revolução e resistência em um mundo de normatização e alienação, por nunca ter desistido e ter dado um propósito pelo qual lutamos até hoje, pelo seu olhar delicado e cuidadoso que fez com que surgisse uma infinidade de formas de ressignificar, por oportunizar um acolhimento humanizado. Seguimos na luta por uma sociedade antimanicomial, tendo sempre em mente a sua importância para nossa história.

saúde mental brasileira

Clara Melyssa, Manuela Rocha e Mariana Patrocínio



Clara Melyssa Oliveira Silva Mota, Mariana Patrocínio de Holanda Pereira e Manuela Rocha Machado



Clara Melyssa Oliveira Silva Mota, Mariana Patrocínio de Holanda Pereira e Manuela Rocha Machado



Clara Melyssa Oliveira Silva Mota, Mariana Patrocínio de Holanda Pereira e Manuela Rocha Machado